

A clínica dos bebês em tempos de autismo

Maria Cristina Kupfer

A consulta às estatísticas sobre a incidência do autismo no mundo contemporâneo revela um aumento crescente dos casos de crianças “atingidas” por esse diagnóstico. De acordo com os Centros de Diagnóstico de Doenças dos EUA, havia, em 2000, uma criança autista a cada 150. Em 2010, esse número saltou para uma em cada 68 crianças! (CDC, 2015)

Por que esse aumento brutal? É razoável pensar que houve modificações dos critérios diagnósticos ao lado de uma epidemia diagnóstica. Mas também é preciso pensar que houve um aumento real, se não dos casos de autismo, ao menos da incidência de traços autistas nas crianças do nosso tempo. Ao lado de um movimento de dessubjetivação e de dessimbolização denunciado por autores como Dufour (2005), não é impossível pensar em uma a-subjetivação como resposta ao mal estar contemporâneo.

A primeira resposta do discurso científico-social a essa epidemia é certamente a da prevenção precoce. Mas há muitas formas de abordá-la. Muitas são as disciplinas preocupadas com a detecção precoce de doenças, parecendo ser este o único ponto em que neurologistas, psiquiatras organicistas e psicanalistas concordam: de fato, é preciso intervir cedo. Mas só neste ponto concordam, uma vez que, para os primeiros, é preciso intervir cedo em uma doença já existente, ao passo que para os psicanalistas a intervenção incide sobre uma criança cujo destino não é necessariamente, e de forma tão determinista, o do autismo.

Ao lado da pesquisa sobre prevenção, que também está assumindo proporções epidêmicas, o campo científico-social massacra os pais com uma quantidade de informação que torna o verbete autismo um dos mais visitados na Internet. É quase impossível encontrar, naquela enxurrada, o que informa e orienta de fato os pais nesses tempo em que o autismo é mesmo um espectro: um fantasma que assombra e tira o sono de todos eles.

É neste cenário que este livro encontra um lugar especialmente significativo. O congresso que deu lugar a ele é uma expressão do que se faz atualmente em várias disciplinas para responder aos desafios colocados pelos tempos atuais assombrados, espantados com a sombra de um destino ou de um modo de ser – como disse um autista escritor – que denuncia o mal estar contemporâneo.

Naquele congresso, a primeira resposta que se pode destacar é a do trabalho interdisciplinar. Se o autismo se apresenta como uma manifestação nos primeiríssimos tempos de um bebê e portanto no tempo do Infans, a psicanálise certamente não poderá trabalhar com seus instrumentos clássicos. Mais que isso: esta é uma clínica em que ela poderá efetivamente trabalhar dando as mãos às outras disciplinas. Os textos de Davi Cohen e de Bernard Golse, assim como o fantástico diálogo entre Yves Burnod e M.C. Laznik, apresentam trabalhos desse tipo, em que há de fato uma convergência discursiva, construída a serviço da criança e superando assim os conflitos entre disciplinas em que os interesses são, ao contrário, os do mercado. Quando Burnod, um neurologista, debruça-se sobre o trabalho de Laznik, uma psicanalista, há uma tradução em termos neurológicos que não faz a clássica redução de uma linguagem a outra. Ao contrário, seus comentários lançam luzes sobre os atos clínicos de Laznik e nos fazem viajar para dentro da cabeça de um bebê! Vários textos das comunicações livres apresentadas também concentraram a atenção na inter, na trans ou na multidisciplinaridade,

testemunhando o esforço feito pelos psicanalistas para se mostrar não todos.

É preciso enfrentar também o desafio da clínica psicanalítica com crianças para quem o autismo já está instalado. Crespin mostra bem como trabalhar com delicadeza mas também com firmeza junto a três crianças, exercendo a função de um Outro Primordial que funda o sujeito e educa ao mesmo tempo. Nesta mesma direção de trabalho encontram-se vários textos de psicanalistas e de outros profissionais que souberam transmitir uma clínica de bebês voltada para a escuta ou para a (re)fundação do sujeito.

O trabalho com os pais também é uma resposta importante para os desafios da clínica do autismo em tempos atuais. Nos tempos atuais é preciso ouvir seu grito, travestido de ataque aos psicanalistas, que guarda porém, em seu interior, a dor de não saber que rumo tomar quando lhes é apresentado o sombrio diagnóstico do autismo de seus filhos. Tessa Barandon discute essa necessária escuta, levantando a dimensão transgeracional presente em um caso de uma mãe e uma criança cuja relação foi entrelaçada nas redes de repetição do trauma através das gerações. Maestro testemunha o árduo trabalho com famílias no interior de um dispositivo institucional próximo ao modelo dos CAPS e fala com sensibilidade e rigor da inclusão, em seu campo de interpretação, da leitura do corpo, quer do bebê, quer dos adultos que tratam deles. Encontra-se ainda, neste livro, a preocupação com a construção da parentalidade, sem a qual não há sujeito que possa advir.

As respostas deste livro abrangem não apenas a prevenção, a interdisciplinaridade, a escuta dos pais ou o tratamento. Há também respostas de cunho metapsicológico de suma importância, como é o caso do artigo de Alfredo Jerusalinsky, que buscou trazer contribuições para “uma clínica mais precisa dos momentos cruciais da estruturação do sujeito nos tempos primordiais de seu desenvolvimento.”

Para tanto, Jerusalinsky propõe que se introduza na teorização feita por Lacan a respeito do estágio do espelho um quarto momento, que faria a passagem, por meio do surgimento do grafismo, do eu ideal ao ideal do eu. Esta é uma contribuição que lança luzes, bem na proposta deste livro, sobre a estruturação do sujeito e oferece assim mais um instrumento de leitura clínica, que ele extrai, diga-se de passagem, de uma experiência longa e sólida como psicanalista de crianças.

Uma resposta que também surge neste livro é a de fazer entrar nas creches uma leitura e um acompanhamento do movimento de subjetivação dos bebês e dar aos professores uma sustentação para o trabalho de sustentação do desenrolar da subjetivação que lhes compete fazer; um holding do holding, como diz Claude Boukobza (1997). Não se trata, nessa proposta, de prevenir no sentido medicalizado do termo, ou seja, no sentido de prevenir porque somos uma sociedade que não sabe mais assumir riscos, como disse Zizek em um programa de TV em São Paulo, em 2013. Aqui se trata da única forma de prevenir admitida pela psicanálise: prevenir é criar condições para que um sujeito se constitua (Lunardelli Jacintho, 2015). Ora, se para a criança enfrentando a vicissitude de um devir autístico – para não dizer risco de evolução autística – o que está em jogo é a não fundação de um sujeito do inconsciente, então os cuidados dirigidos ao acompanhamento dessa fundação previnem autismo. Ou seja, prevenir, desta perspectiva, é propor o acompanhamento do ato educativo presente na creche ou em casa, já que o ato educativo funda o sujeito.

Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês: novas pesquisas, saberes e intervenções. Essas luzes são respostas ao nosso tempo sombrio, e buscam instalar, no lugar do silêncio do autista, uma oportunidade para seu dizer.

REFERÊNCIAS

- Boukobza, C. (1997). A clínica do holding. In: WANDERLEY, D. (org.). Palavras em torno do berço. Salvador: Ágalma, p. 89 -106.
- CDC (Centers for Disease Control and Prevention) (2010). Identified Prevalence Of Autism Spectrum Disorder. Disponível em : <http://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>. Acesso em: 12 de julho de 2015.
- Dufour, D.-R. (2005). A arte de reduzir as cabeças. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lunardelli Jacinto, A.F. (2015). Rencontres pulsionnelles et constitution du sujet dans un lieu d'accueil enfants-parents : les possibles de la prévention précoce. Doutorado em Psicologia. Paris, Universidade Paris Diderot/São Paulo, Universidade de São Paulo.